

ANACHRÔNICAS DA FRANCA DO IMPERADOR Nº 03 2024_15jan PORTO SEGURO_2

No dia seguinte à chegada, a impressão inicial sobre Porto Seguro melhorou. Hotel com excelente infraestrutura, tapioca no café da manhã, mamão papaia em abundância (a região é uma das maiores produtoras da fruta no país). Não foi tão difícil atravessar a estrada até a praia tranquila, com areia clara e águas verdes. Extensas caminhadas pela orla marítima sob a brisa da Bahia melhoram qualquer astral prejudicado pela chegada caótica.

Caminhando pela praia, pode-se constatar a enorme quantidade de hotéis e pousadas instaladas ao longo da costa. O turismo movimentou a cidade e a região criando milhares de empregos, atraindo cada vez mais gente e negócios. A criminalidade também, principalmente por conta de drogas. Os pretensiosos nomes em inglês dos hotéis e bares de praia da orla norte se acumulam, é Village isso, Beach aquilo, Park aquilo outro, Lounge lá longe.

Percorrendo as ruas e as praias, pensei nos colegas arquitetos e engenheiros que trabalham na Prefeitura da cidade. Deve ser uma luta heroica (e inútil) para manter algum grau de funcionalidade à cidade com o nível de degradação provocado pela especulação imobiliária, pela pressão do setor para construir em todo e qualquer lugar, pelo descontrole urbanístico, pela complexidade dos problemas a serem equacionados – mobilidade complexa envolvendo aeroporto, porto e travessia por balsa, trânsito caótico, falta de áreas livres para infraestrutura, áreas tombadas como patrimônio histórico do país, morros com erosão, miséria, violência urbana provocada pelo tráfico de drogas gerado com o influxo de turistas, violência gerada pela irregularidade fundiária, terras quilombolas e indígenas, dificuldades para atender o saneamento básico (25% da cidade não tem coleta ou tratamento de esgoto) lixo e entulho de construção por toda parte, etc.

No bem-arrumado escritório do IPHAN no centro histórico de Porto Seguro, um funcionário me informa que são apenas oito servidores (um arquiteto, dois fiscais, dois técnicos e os demais terceirizados) para 70 km lineares da costa de área tombada como patrimônio histórico e paisagístico nacional. Só isso seria suficiente para grassar a confusão.

O chamado centro histórico é de surpreendente beleza, tanto pelo sítio onde está instalado na parte alta da cidade, quanto pelas construções que ainda restam. A antiga Casa de Câmara e Cadeia da cidade está um brinco, restaurada, bela construção ao lado da igreja matriz de N. Sra. da Pena localizada no alto do morro defronte o largo que traz o marco do Descobrimento construído pelos portugueses. Um funcionário informa que a antiga Casa de Câmara não está acessível, havia um museu que foi desativado e transformado em área para exposições de arte. Que acontecem muito de vez em quando, segue fechada aos visitantes. Bem Brasil.

O ruído urbano é um desafio específico. Há onipresença da música em volumes acima de qualquer norma que se examine em tudo quanto é lado, a poluição sonora é um tormento em quase todos os lugares, apesar de geralmente a música ser boa. A passarela do álcool deve ser outra fonte de ruído, reduto de cachaceiros em geral, passei longe à noite. Após visitar o centro histórico, almocei num restaurante de fast food que deu um retrato terrível do país: os funcionários acabaram doando umas quentinhas para moradores de rua esfomeados, um deles estava indo nas mesas e pegando os restos para comer rapidamente. Foi tragicômico, um deles era gourmet, ficou reclamando algo, foi até o balcão e pegou um sachê de catchup, gritou “onde já se viu comer sem o molho?” Retrato cuspidor e escarrador da desigualdade e da miséria brasileiras.

Mauro Ferreira é arquiteto